

QUESTÕES ÉTICAS NO ROMANCE *O INVASOR* DE MARÇAL AQUINO

ETHICAL ISSUES IN MARÇAL AQUINO'S NOVEL *O INVASOR*

Madalena Aparecida Machado¹

Data de recebimento do texto: 13/02/2024

Data de aceite: 10/03/2024

Resumo: A literatura brasileira da atualidade apresenta uma série de questões próprias da ética que se relacionam à sociedade. Tomando por base tal premissa, neste artigo encaminhamos uma interpretação do romance *O invasor* (2011), com vistas a apreender a presença e desdobramento da ética na pós-modernidade. Propomos um percurso teórico associando moral e ética desde Kant (2002), Lipovetsky (2006), Bauman (2010) e Eagleton (2011), do quais extraímos pressupostos para avaliar a novela de Marçal Aquino. Nesta, encontramos comportamentos e atitudes que ilustram uma moralidade de circunstância e um individualismo exacerbado, os quais são pinçados da narrativa cujo narrador, ao mesmo tempo em que conta tais comportamentos, sofre as consequências das escolhas que antes pensava ser exclusividade sua.

Palavras-Chave: Ética. Clássica. Pós-modernidade. Ficção. Aquino

Abstract: The Brazilian literature today presents a series of own issues of ethics that relate to society. Based on this premise, in this article we forward an interpretation of the novel *O invasor* (2011), in order to grasp the presence and deployment of ethics in postmodernity. We propose a theoretical path linking morals and ethics from Kant (2002), Lipovetsky (2006), Bauman (2010) e Eagleton (2011), from which we extract assumptions to assess the novel by Marçal Aquino. In this, we find behaviors and attitudes that illustrate a condition of morality and an exaggerated individualism, which are pinched narrative whose narrator, while account such behaviors, suffers the consequences of the choices before thought to be unique to you.

Keywords: Ethics. Classical. Postmodernity. Fiction. Aquino

¹ Professora e Pesquisadora na UNEMAT – Campus de Pontes e Lacerda-MT (BRASIL); É Graduada em Letras (UNEMAT); Mestre em Estudos Literários (UNESP); Doutora em Teoria Literária (UFRJ); Pós-Doutora em Literatura Brasileira (SORBONNE); Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Literatura “Manoel de Barros”; Líder do Grupo de Pesquisa: Literaturas na Interface entre o clássico e o contemporâneo (CNPq); Credenciada nos Programas de Pós-graduação da UNEMAT/PPGEL e PPGLETRAS. E-mail: dramadalena@unemat.br

1. Introdução

No tempo em que a realidade brasileira vive situações limites quanto à compreensão, absorção, distorção do que vem a ser ética, a literatura entra no debate mostrando um painel dessa perspectiva. A novela *O invasor* (2011) de Marçal Aquino contribui com uma boa parcela dessa acalorada discussão. A obra narra a história de homens que encarnam modos aparentemente distintos de ser e viver, mas que na nossa concepção, convergem para um só: o esfacular da ética, pelo menos aquela que representa um modo de conhecer, tratar, conviver com a alteridade que signifique respeito ao tempo e espaço do outro. O enredo gira em torno da contratação de Anísio por Alaor e Ivan para assassinar Estevão, sócio majoritário de uma construtora junto aos dois. Próximo à execução do “serviço”, Ivan se arrepende mas já é tarde demais, Anísio mata Estevão e a esposa Silvana. Ele recebe primeiro metade do combinado quando passa a ir constantemente até à construtora para chantagear Alaor e Ivan que se veem cada vez mais encurralados. Anísio, o invasor, além de conseguir um cargo na construtora, passa a se envolver com Marina, a filha de Estevão. Aos poucos percebemos que a invasão não se dá apenas na construtora, mas na vida de todos os envolvidos. Anísio começa a jogar com Alaor e Ivan, perfazendo a maior das invasões quando se mostra frio, calculista, chantagista para conseguir seus objetivos. Nisso, o leitor percebe a podridão da vida de Alaor, a mentira que é o casamento de Ivan e Cecília, o vazio da vida de Marina. Temos pela narrativa à fora, além do assassinato motivado pela ambição, a mentira, corrupção, traição e hipocrisia de Alaor, a fraqueza de caráter de Ivan, o que extrapola aquilo que seria inicialmente apenas uma invasão explícita na figura de Anísio.

Assim, temos como ponto norteador dessa investigação literária, elementos encarecidos, quais sejam, a distorção entre o certo e o errado, a verdade e a mentira, a honestidade e a corrupção intercambiando lugares na narrativa de Marçal Aquino. O deslindar de tais elementos servirá para pontuar a ética na época em que vivemos e a literatura trata de colocar sob os holofotes estéticos.

2. A moral que conduz à ética

A novela *O invasor* é rica em propiciar uma discussão que leve o leitor a pensar no que seja a ética em tempos pós-modernos, a começar por destrinchar o que é moral para os personagens. Alaor e Ivan se veem preteridos das decisões na construtora porque

Estevão é o mais rico deles, isto já é possível visualizar desde a insistência do narrador em contar que nas placas dos prédios em construção, aparece apenas o sobrenome de Estevão: Araújo & Associados. Mais à frente percebemos que Alor quer ser o único proprietário da construtora, “tirando” Ivan do caminho. Marina não quer saber de assumir seu lugar de herdeira na construtora, prefere a imersão nas drogas, deixando que Anísio o faça. O delegado que aparentemente investiga o assassinato de Estevão, está a serviço de Alor para prender Ivan. Desta exposição, retiramos um rápido levantamento de situações que apontam a uma moral cambiante para fazermos uma retrospectiva do que Immanuel Kant (1724-1804) considerava ser teor moral a fim de traçarmos um paralelo para nossa interpretação.

Em *Crítica da razão prática* [1788] (2002), quando Kant analisa o problema moral, o autor questiona a concepção de uma razão prática empírica que pretende elevar o amor de si a princípio moral supremo. A liberdade é o fio condutor que propicia esta percepção, ou, nas palavras do próprio Kant, “fecho de abóboda” (2002, p. 04) do edifício da razão. Partindo da liberdade até à lei da causalidade, temos o início e determinação dos objetos aos quais se pretende um conhecimento. Sendo que é a determinação e não a vontade, a responsável por diversas regras práticas. Isto colocado, se levarmos em consideração que na perspectiva de Kant, a moral tem pretensão universalista, é importante mencionar que ela é indissociável da ação.

O conceito de imperativo categórico para Kant, ou seja, aquela regra caracterizada por um dever-ser de um sujeito movido pela liberdade, é o que diferencia o portador da razão na sua capacidade de agir em busca de determinado objetivo. Então, prazer, felicidade, amor, para além de uma mera busca empírica, passa ser fruto da vontade daquele que sabe escolher; aquilo chamado por Kant como, “verdadeira faculdade de apetição superior” (2002, p. 42). Esses objetivos são comuns, universais a todos os portadores da razão prática. Interessante observar que o modo, o como atingir o alvo, é da alçada da moral. Nisso, chegamos a mais uma definição do filósofo alemão para quem, “a razão pura é por si só prática e dá (ao homem) uma lei universal, que chamamos de lei moral.” (2002, p. 53). O que distingue o mero querer de uma ação elevada é a virtude, sair do egocentrismo e enxergar no agir um reflexo coletivo, a universalidade.

Nossa interpretação da *Crítica da razão prática* nos leva a meditar sobre a possibilidade de escolha inerente ao homem, o fundamento do seu querer ou, até que ponto

o individual é superado pelo universal e o que é determinante da vontade ou fruto de sujeição.

A moralidade é um tema sempre recorrente, ainda mais nos nossos tempos tão movediços, prova disso encontra-se na discussão entabulada por Terry Eagleton no livro *Depois da teoria* (2011). O capítulo 06 – “Moralidade”, guiado pela perspectiva teórica dos estudos culturais, procura compreender a moral, sobretudo, pelo prisma político que lhe é subjacente. Comparando o teor clássico no qual a moralidade é quase indistinta de política e ética, até o pós-modernismo, encarado com escárnio por Eagleton como algo marcado pelo descompromisso, a ética valorizada pelo autor é a de Aristóteles: “A ética trata de como alcançar a excelência em ser um humano, algo que ninguém pode fazer isoladamente.” (2011, p. 196). É notório na escrita de Terry Eagleton sua aderência ao clássico em detrimento da pós-modernidade, no que tange às questões morais, principalmente quando estas, na visão dele, não se dissociam dos contextos sociais. Certo é que regras, princípios, obrigações têm se tornado cada vez mais pontuais, enquanto o individual na maioria das vezes se sobressai ao social. Modos de comportamento aprendidos, por exemplo, ser solícito ou agradável pensando num interesse imediato, dão margem a perceber: “a linguagem moral não é apenas um grupo de noções que usamos para registrar nossa aprovação ou desaprovação de ações; ela entra na descrição das próprias ações.” (EAGLETON, 2011, p. 204). Vimos nisso uma clara adesão ao pensamento moral de Kant movido pelo entorno da ação.

Ora, se o nosso tempo é marcado pelo fosso de credibilidade entre fato e valor, o auto interesse é flagrante no que se faz e como se faz, apontando a um conflito no comportamento humano. Nestes termos, a ética reduzida à pura banalidade, quase sinônimo de estética, no sentido de uma experiência corporal, caminha sob uma nova roupagem à distinção entre natural e cultural. Logo, de volta a Kant, para quem o pensamento moral é absolutista, comparado aos pós-modernistas da envergadura de Lyotard ou Derrida, este que entende a ética como “uma questão de decisões absolutas” (2011, p. 209), a diferença fica por conta de que a universalidade pós-modernista encaminha à designação de valores e ideias desvinculados de uma humanidade compartilhada.

3. Ética Pós-moderna

A ação que os personagens de Marçal Aquino desenvolvem na novela *O invasor* é digna de consideração pela perspectiva estampada no livro *Ética pós-moderna* (2010), de Zygmunt Bauman. Para ele, a abordagem pós-moderna da ética consiste na rejeição tipicamente moderna de lidar com os problemas morais. Nessa visão, os grandes temas da ética (direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e autoafirmação pessoal, paralelismo entre conduta individual e bem-estar coletivo) não perderam sua atualidade, só precisam ser vistos e tratados de maneira nova. (2010, p. 08). Dentre as ações a serem escolhidas por homens e mulheres em busca de identidade, é preciso calculá-las, medi-las e avaliá-las. O significado moral para qualquer coisa que se faça, deixa mais intrincada a divisão antes clara entre público e privado. Afirmações do tipo, “uma moralidade não aporética e não ambivalente, uma ética que seja universal e ‘objetivamente fundamentada’, constitui impossibilidade prática;” (2010, p. 15) favorecem uma nítida relação com o pensamento clássico em que moral e ética eram consideradas a mesma face da moeda.

Contudo, a ética da pós-modernidade está associada a indivíduos cujas vidas são fragmentadas, separadas em muitas metas e funções. A incerteza então passa a ditar o rumo dos acontecimentos e as decisões morais cada vez mais se tornam ambivalentes. Neste aspecto, é preciso esclarecer – seguindo o raciocínio de Bauman – a relatividade dos códigos éticos e práticas morais contraria os ditames da época moderna e seus códigos morais que se pretendiam universais.

Em se tratando de indivíduos situados neste tempo pós-moderno, a responsabilidade pelas escolhas é crescentemente pesada. Quando a crise moral repercute na crise ética, a fundamentação daquilo que seria a natureza humana, passa a ser vista como potencial de si. Na sua liberdade, as pessoas são levadas a escolher opções para seu “próprio bem-estar”, mal sabendo elas que sua moralidade pessoal é que torna viável a negociação ética e o consenso possíveis. (2010, p. 43). Assim, Bauman admite que na pós-modernidade não existe nenhum padrão universal; a pessoa moral que se sobressai a esta impensável universalidade é aquela que sabe estar só, embora reconheça que como pessoa social, está com outros. Portanto, é alguém ‘condenado’ à própria liberdade. O Eu que se faz frente ao Outro assume uma ética que restaura o significado moral da proximidade, terreno da intenção sem ser intencional. Essa nova condição de estar junto, mas eticamente separado,

compõe “a experiência pós-moderna da intimidade [que] deriva sua identidade do eliminar toda referência a deveres e obrigações morais.” (2010, p. 123). Logo, se a palavra de ordem considerando a ética na pós-modernidade é a incerteza, o Outro em vista é produto secundário do espaçamento social. O que permanece é a responsabilidade moral, produto de intensa luta e precariedade para se manifestar de modo suficiente.

A sensação oriunda da consequência interna ao Eu da pós-modernidade, vem expressa nas páginas do livro de Gilles Lipovetsky, *A era do vazio* (2006). Neste, o autor investiga a diversificação dos modos de vida nessa nova fase na história do individualismo ocidental. Sociedade de consumo, realização pessoal determinam o ritmo das relações perfazendo: “a sociedade pós-moderna não tem mais ídolos ou tabus, já não tem uma imagem gloriosa de si mesma, um projeto histórico mobilizador, hoje em dia é o vazio que nos domina.” (2006, p. XIX).

O individualismo sobreposto se compõe junto ao hedonismo, a informação cada vez mais rápida e a responsabilização. Modos e maneiras de disfarçar a aniquilação do eu, esvaziado de sua substância quando experimenta o vazio dos sentimentos e o desmoronamento dos ideais. Sem dúvida, novas questões surgem porque “hoje em dia é possível viver sem finalidade e sentido” (2006, p. 21), premido pela lógica da indiferença. A consequência mais flagrante disto é a vulnerabilidade do homem atual pois, ao mesmo tempo em que deseja ser só, não suporta a si mesmo nesta condição. Então, a personalidade que se forma é feita de indeterminação e flutuação (2006, p. 40).

As ações praticadas ou, antes, os sentimentos envoltos nelas, produzem um “mal-estar difuso e invasor, de um sentimento de vazio interior e de absurdo da vida, de uma incapacidade de sentir as coisas e as pessoas” (idem, p. 56). Propenso à angústia e à ansiedade, o ideal que mira o individualismo e nega a universalidade é o sintoma maior da condição pós-moderna. Outrossim, ao tempo em que desunifica a existência que nos caracteriza. Por conseguinte, feita a subjetividade de superfície, os valores éticos que se podem extrair são possíveis de serem apontados numa “sociedade na qual o indivíduo se considera finalidade última e não existe a não ser para si mesmo.” (idem, p. 162). O que se espera só pode ser uma desordem, a indiferença em lidar com o outro, principalmente com o sentimento do outro, amplificando o vazio. Lipovetsky ao delinear este homem narcísico, percebe as relações que o mesmo entabula, classificando-as como ilustrativas de uma

“ética emocional, pontual e sem esforço.” (2006, p. 197). Característica bastante significativa se levarmos em conta as relações encontradas na leitura da novela *O invasor*.

4. Conclusão

Marçal Aquino na realização da novela *O invasor* se mostra muito atento às relações éticas no nosso mundo pós-moderno. A história é narrada pelo personagem Ivan e o desenrolar da ação acontece depois que ele e Alaor decidem contratar um matador de aluguel para dar fim ao sócio, Estevão. Nisso, já acontece aquela quebra de moralidade clássica em que pese a ética proibidora de matar o semelhante, por qualquer razão. A satisfação pessoal de ambos fala mais alto do que qualquer valor social. Os sócios fazem uso da liberdade que têm para pôr fim à opressão vinda do outro. Então, na determinação sem titubeio de Alaor e a vacilante decisão de Ivan em matar para arredar de si o obstáculo, escolhem o lado mais fácil, contratam Anísio para não sujarem diretamente as mãos. O leitor testemunha, esta passa a ser a motivação íntima de ambos, a principal finalidade da existência, com a diferença que Ivan ainda apresenta certas ressalvas de moralidade. Vejamos a cena em que os dois contratam Anísio:

O negócio é o seguinte: estamos com um problema na nossa empresa e achamos que você pode nos ajudar.

[...] Vocês querem tirar o homem do caminho, é isso?

É isso, eu senti o suor escorrendo das minhas axilas.

O.K. Eu posso fazer isso pra vocês, sem problemas.

[...] Aquilo me chocou. Pessoalmente, não conseguia sentir raiva de Estevão. Ele estava me atrapalhando e eu queria tirá-lo da frente. Só isso. Mas Alaor parecia estar se vingando de algo que eu desconhecia. (AQUINO, 2011, p. 12, 14, 17)

Aos poucos quando somos apresentados à vida pessoal dos personagens, percebemos que eles não se diferem tanto assim, já que a ética que os guia é a do individualismo. Visando uma compreensão mais aprofundada deste tema, somos convencidos de que esta ética só pode ser delineada por meio do entendimento das ações praticadas na novela. Por isso, detectamos a falta de um rigorismo educativo, familiar e sexual. Por exemplo, depois de acertarem a contratação de Anísio, vão festejar num bordel que Ivan descobre ser de Alaor. Casados, eles nem lembram de família estando com as prostitutas.

O quarto tinha um cheiro agradável, adocicado, gravuras eróticas japonesas numa das paredes e um grande espelho em outra. A cama de casal ficava num canto e, do lado oposto, uma porta conduzia ao banheiro. Sobre uma cômoda, uma pequena caixa de som tocava música

francesa em volume baixo. Antes que Mirna fechasse a porta, ainda pude ouvir Alaor dizendo “É hoje” e, em seguida, seu riso alto. Ele e as duas meninas tinham entrado no quarto ao lado. (AQUINO, 2011, p. 15)

Assim, os personagens alinhavam o auto interesse na trama de Aquino. A moral de acordo com a necessidade e a ética voltada a si, conforme define Alaor pela constatação de Ivan, o narrador.

Sem o Estevão pra encher o saco, vamos enjoar de ganhar dinheiro. Vai ser moleza manobrar a Silvana, Alaor disse, referindo-se à mulher de Estevão. Ela não entende porra nenhuma de negócios e nunca se interessou pela construtora, só quer saber de gastar a grana do Estevão. A gente agora vai decolar, você vai ver. (AQUINO, 2011, p. 13)

Anísio, o invasor, é o personagem que faz a ligação da ética entre dois mundos, no tecido narrativo. Ele assume o risco de calcular, medir, avaliar os próprios passos e aqueles a seu redor. Circula ao mesmo tempo no submundo do crime e na sociedade a qual abre suas portas às custas de chantagem; consegue um lugar na construtora, seduz Marina e se apropria de sua mansão. A influência de Anísio é maior do que Ivan pensa e tem razão de temer sua presença porque ao final, descobre que o invasor está associado ao investigador de polícia e a Alaor numa teia de corrupção, amoralidade, traição e morte.

Por sua vez, temos o personagem Alaor que é exímio em encarnar uma ética emocional, pontual e sem esforço. A exemplo quando chora no velório de Estevão. É dele a ideia de matar o sócio; está envolvido na propina paga a Rangel para que a construtora ganhe licitações em Brasília; ele já conhecia Norberto desde o início da trama posto que foi ele quem indicou Anísio para matar o pai de Marina; é Alaor que mantém um prostíbulo de onde escolhe Mirna para divertir e Paula para atrair Ivan e, por fim, é a Alaor junto a Anísio que o delegado Norberto entrega Ivan no desfecho da história.

A figura do narrador Ivan merece atenção à parte. Por ser quem conduz a história ao leitor, poderíamos pensar que Marçal Aquino pintasse um quadro de vítima da condição moral a que se vê exposto. Portanto, a ética esperada em princípio, seria aquela que aponta os erros e procuraria se eximir deles. Mas não é o que acontece. Como se fosse um Brás Cubas pós-moderno, Ivan está dentro da sociedade da qual tira proveito, depois quer se esquivar. Ele é casado com Cecília: “Eu tinha me casado com ela dois anos depois de associar-me a Estevão e Alaor na construtora. Foi um tempo feliz, hoje eu sei. Havia a

certeza de que todos os nossos planos dariam certo, era só uma questão de tempo. Mas não foi assim.” (AQUINO, 2011, p. 33).

O casamento como o próprio Ivan classifica, se tornou uma farsa desde a histerectomia; a falta de diálogo; a separação de quartos; os casos fortuitos fora de casa; as longas ausências do lar e, por fim, quando se envolve com Paula. Nesse desenho emocional do narrador, temos uma amostragem de seu perfil sentimental instável, junte-se a este, o fato de pouco se relacionar com a mãe e saber que o pai se suicidou. Tira da relação familiar a seguinte conclusão: “Eu era igualzinho a meu pai. Um fraco. E estava apavorado” (AQUINO, 2011, p. 89).

O lado moral e social deste personagem está longe de uma universalidade nos termos previstos por Immanuel Kant, conforme vimos. Se no início da narrativa de Aquino quando compreendemos Ivan como parte de uma sociedade que queria se integrar para ser aceito, ser sócio de Alaor e Estevão, depois somente de Alaor, a fim de crescer profissionalmente, no final quer abandonar a sociedade por medo da presença de Anísio e sua chantagem. Da metade para o fim do enredo as atenções se concentram em Ivan e na sua aventura errante de viver, graças à construção estética de Marçal Aquino, que faz o personagem portador de valores e ideias desvinculadas de uma pretensa humanidade compartilhada.

Mais adiante, Ivan volta ao subúrbio, compra um revólver para se proteger de Anísio, depois da descoberta da traição de Paula, sai à procura de Alaor para matá-lo, rouba a construtora, vai a uma delegacia e delata toda a farsa da morte de Estevão. Ações que ilustram a ética conforme Zygmunt Bauman, pós-moderna, do homem que está sozinho e assume a relatividade dos códigos éticos e práticas morais, porque se torna consciente de viver sem finalidade e sentido. Exatamente a sensação com a leitura do último parágrafo do livro:

Pássaros cantavam nas árvores da rua. Fechei os olhos e pensei em um monte de coisas naquele momento. Pensei em Estevão. Em Alaor. Em Cecília. E em minha mãe. Pensei também em Paula, com um misto de ódio e saudade. Se pudesse pedir algo naquele instante, eu desejaria revê-la por mais um minuto. Não sei o que faria. Provavelmente nada. (AQUINO, 2011, p. 122)

Neste trecho, observamos todo o desalento, a falta de esperança de Ivan ao ser apanhado por seus algozes. Entendemos assim, que Ivan é o protótipo da ética no mundo

vazio de projetos, prensado pela indiferença, construído com a argúcia estética de Marçal Aquino em testemunhar o desmoronar da universalidade nos atos comportamentais e, por outro lado, dar a dimensão devida ao individualismo sem deveres nem obrigações morais para com o outro.

Entretanto, até chegar a essa conclusão, o leitor identifica passo a passo a personalidade do narrador. Na contratação de Anísio, Ivan apresenta uma consciência que flutua entre a escolha feita e a ambição, reconhecidamente daninha ao outro, conforme esta passagem: “Olha, Anísio, o que interessa é que você tire o Estevão do nosso caminho, eu disse, *fazendo força para não vomitar ali mesmo*. Como você vai fazer é problema seu.” (idem, p. 16 grifo nosso). A frase destacada comprova nossa afirmação. Mais tarde, temos o arrependimento tardio de Ivan em matar Estevão, “Eu vim aqui pra te dizer que desisti do plano. O Estevão não vai morrer, porra.” [...] “Eu estava louco quando concordei com esse negócio, Alaor. Não dá.” (AQUINO, 2011, p. 46). O titubeio do narrador se dilui numa máscara sarcástica quando às vésperas do crime, analisa a figura de Estevão no escritório, sabendo que ele morrerá, cogita qual seria a forma e o momento apropriados. Ali, naquele espaço e tempo, Ivan poderia evitar o crime, mas se acovarda premido pelo valor pessoal, na sua opinião, maior que a representação de Estevão para a sociedade.

Portanto, a humanidade do personagem-narrador é sugestionada na medida em que o escritor não seleciona apenas momentos positivos ou negativos, mas um misto de ações e pensamentos que deem conta da formatação ética na pós-modernidade. Conforme temos a iniciativa em querer matar o sócio; o arrependimento; fingimento de pesar; a sensação de ser perseguido pela polícia; depois, ao perseguir Alaor; delatar o crime em que se envolveu e, por fim, ver implodido os planos de uma nova vida ao lado de Paula, longe da construtora. Temos nessas ações de Ivan uma amostragem do quanto se esvazia a ética num sentido clássico perante a literatura pós-moderna. Nossa argumentação mostrou que a moralidade cambiante pode ser ilustrada no individualismo do personagem-narrador criado por Marçal Aquino.

5. Referências

AQUINO, Marçal. **O invasor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2010

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri-SP: Manole, 2006.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.